

NOITES DO SERTÃO

A 2ª Expedição Caminho dos Gerais, organizada pela Secretaria do Meio-Ambiente de Montes Claros e pelo IEF, está pronta para deixar Cordisburgo.

Uma sessão de discursos acentuará os objetivos.

Todos ouvem com atenção no quintal da casa de Guimarães Rosa, que hoje é o seu museu.

O abacateiro do menino Joãozito, solene e discreto, reitoria o quintal e a vida, e ouve também.

(Parece murmurar que nada daquilo seria se não fosse o menino que brincou à sua sombra, nos anos primeiros do século XX, passado.

Eram íntimos; seguem íntimos.)

De todos ali, palreadores, é justamente ele, abacateiro mudo, quem mais conhece Joãozito. Mais até que a prima médica, que entre os discursos é a família Rosa.

Joãozito - que de ouvir casos de boiadeiros virou um deles, fez-se diplomata, pôs gravata borboleta e girou o mundo, sem despregar os olhos do quintal onde estamos - embora voltasse pouco, de corpo presente. A alma mesmo, a alma nunca partiu.

Enquanto falam os que têm a dizer, entremos na sua casa - o museu.

Era a casa de morada e venda de "seu Fulô", o pai de Guimarães.

Venda, tosco armazém de secos e molhados, tendo na frente a estação de trem, onde vinha boi, vinha boiada.

Debaixo do balcão da venda, no cômodo dianteiro, um menino, enrodilhado e oculto, ouvia tudo.

Quando não estava debaixo do balcão, ouvindo, estava no "quarto-escuro", contíguo ao do pai e da bisavó Chiquinha,

lendo...lendo...lendo...lendo.

Eternamente com os livros, no quarto escuro, que era depósito da casa, e da venda.

O quarto-escuro gestou o maior escritor do Brasil.

Ao lado, quase de frente, hoje dorme no quarto dos pais (onde nasceu Guimarães) a cama que era a sua.

Tem por guarda um penico-mijadeiro, aos costumes, e na frente, encerrados num armário - esperando o dono, quem sabe, a sua maleta de médico, o terno preto de embaixador e a inseparável gravata borboleta. Também os sapatos marrons aguardam, no amplo silêncio.

No quarto minúsculo que foi da avó Chiquinha e seus mistérios, estão os pertences do escritor.

A escrivanhinha, a máquina de escrever, a escultura em bronze da vaca que dá o peito à cria. E fotos, muitas fotos.

Na parede, o pôster reproduz a biblioteca imediata, ao alcance da mão.

Que livro é este, muito próximo do exemplar do Grande Sertão?

É um livro de Montes Claros (a que lhe deve paixão). "A Montanha", de Cyro dos Anjos.

Não o livro mais famoso, ele que foi apontado como sucessor de Machado de Assis, sua reencarnação literária.

Os dois - da Academia, nascidos no mesmo Norte de Minas, na mesma época, no Sertão, e de destinos não dessemelhantes.

Deixemos a sala, e, nela, o olhar severo e claro do retrato de "seu Fulô", que sobregoverna a casa e nela o menino.

O fogão, velho de aparência, não é o mesmo daqueles dias. O fogo é.

O candeeiro, o tacho de cobre e o pilão lhe fazem companhia saudosa.

Ali mesmo, o tabuleiro de xadrez de Joãozito, seu canivete, seu jogo de penas, a cadeira de balanço.

Não longe, na parede, envidraçado, austera-se o diploma de “membro efetivo” da Academia Brasileira de Letras – até meio sem graça diante do tamanho que o menino tomou no mundo, muito além do que podia autorizar o papelucho ora amarelecido.

Trecho do discurso de posse na Academia na parede precisa, com urgência, ser ampliado, ficar vistoso e falante, antes que alguém o ignore e proponha trocar o nome de Cordisburgo – o burgo do coração - pelo do escritor, que detestaria a homenagem. Detestaria.

Rosa, é notório, procurava ficar longe de reuniões sociais, festas, oba-oba, e nunca, nunca, falava em público, desde que pudesse. Jamais, para ser ouvido além de 5 metros.

Gostava do sertão, e do nome do burgo dado por padre culto, vindo do mosteiro de Macaúbas, perto de Santa Luzia do Rio da Velhas.

Há medalhas nesta vitrine e, no meio delas, esplendendo ouro a espada de imortal que não o livrou da morte, de repente, três dias depois de empunhá-la na sessão de posse. (Um homem pode tirar de outro a vida; nenhum lhe roubará a morte – remôo).

Aqui, nesta parede, estão as fotos do amigo Eugênio Silva, grandalhão, repórter da revista O Cruzeiro. Fotos da cavalgada que resultou no Grande Sertão, Veredas.

Detenho-me. É uma carta de Paris; está debaixo do vidro, relíquia.

Guimarães narra ao amigo Pedro, de Cordisburgo mesmo, como é a vida no final dos anos 40. Quer vir da Europa, matar saudades, descer de navio o rio das Velhas, apresentar suas “pessoas” ao rio navegável.

(Não sabe, mas na expedição que lhe segue viaja o médico Eugênio, professor de medicina na UFMG, cultíssimo, silente; o que navegou o rio de caiaque, afastando merda com o remo, e ainda assim feliz por lutar pelo que resta dos “belos rios cantantes de Minas”...)

Agora, é o balcão da venda.

Com o tampão original, genuíno.

O menino Joãozito, até os 9 anos, está aqui debaixo, ouvindo a conversa dos homens. Depois, vai escrever tudo, sem mentira, sem inventar, recriando exato escritor-repórter do sertão. As boiadas, todas, os boiadeiros, todos, o sertão, virão aqui visitá-lo, neste balcão, menino.

O balcão tem, e exhibe: pimenta, balança, bolinha de gude, máquina registradora (da Inglaterra), conservas, cereais, balas de chupar (ocultas, as outras balas); pote, arreatas, selas, montarias, silhão para mulher, fazenda de chita, pinga-água-ardente, latão de leite, vassoura, bruaca, peneira, bacia de todo tamanho, rádio no armário, chapéu, chapéus, berrante e vinho-garrafão de 5 litros. E a imagem, retrato ovalado, de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria, Sua Mãe Santíssima.

Apitam lá fora. Buzinam.

Os jipões brancos do IEF, prontos, têm pressa.

Querem partir, ver caminhos e personagens do menino.

Prefiro ficar na companhia dele. Ad perpetuam rei memoriam, desejo ficar.

Até que tragam, de volta, no centenário de 2008, daqui a um ano e pouco, as relíquias de “seu Fulô” e de dona Chiquitinha, pai e mãe, repatriados, para descansar debaixo do abacateiro, no quintal.

Onde possam ouvir e ver o menino brincando, Joãozito..

Ficarei; mesmo embarcando...

Foi dito. Estávamos no Museu Guimarães Rosa, em Cordisburgo, prontos para iniciar viagem em torno do genial escritor, por caminhos que ele descreveu, com precisão e capricho. Nem todos - na verdade poucos, ele conheceu pessoalmente. Mas, de estudar, e ler, e pesquisar, narrou com fidelidade.

Seguiremos por um trecho, pelas “Noites do Sertão”. O desejo é ficar no museu, mas o destino chama por outra parte.

Curvelo, Tomaz Gonzaga (e sua igreja de 1732), Senhora da Glória (que belo nome!), Santo Hipólito.

Aqui, viajando de noite, na chuva, nos perderemos na sinuosa estradinha entre rochedos, a que tomou o lugar do trem de ferro do adolescente Juscelino Kubistcheck, indo e vindo para Diamantina, a caminho da presidência do Brasil.

É ermo belo, entre o Pardim e o Pardão, rios pretos de areias brancas, para se passar de dia, com solenidade, apuro, esmero.

A noite não nos desacompanha. Por sortilégios, devolve-nos – sem suspeitar – a Monjolos, duas vezes no mesmo lugar, a mesma praça. Motivo de risos e golpes de paçoça.

O casario de Diamantina; Mendanha, Couto Magalhães, Parque de São Gonçalo do Rio Preto, Araçuaí.

Araçuaí – o rio das grandes araras, a grande surpresa. Ruas limpas, cultura intacta, mercado escoreito. Terra de Pedro Agnaldo Fulgêncio, amizade nossa.

Salinas, Rubelita, Padre Carvalho e Grão Mogol. Grão Mogol com esgoto ainda escorrendo pelas ruas imperiais onde brotou diamantes, mas salva pela igreja de pedras, que a ignorância um dia rebocou e pintou.

Cristália, Botumirim, Itacambira, Juramento.

Chapada do Norte seja citada por último, destaque da viagem, onde é a Festa de Nossa Senhora dos Homens Pretos. Lugar de solidão, ascetério. (Eremitério, corrigirá padre Henrique).

No cocuruto da serra, antiga velha civilização, onde as estrelas se arrumam para a noite, Noites do Sertão. Param no céu, para os homens ouvir.

O plano era seguir adiante, sem um alto!

Mas havia, há, na rua principal, harmonias; vindas do amor, da simplicidade. Candura.

Uma banda - de jovens e crianças, e de seus pais negros. A euterpe-lira.

Ensaiaava; ensaiavam na sala singela, tortuosa.

E atrás do maestro tinha uma frase: “Nunca aponte o erro dos outros com o dedo sujo”.

A soledade, o descampado, angustia de pedra respondendo a pedra - eis que aqui a estrela visita o pântano, a pedraria. Flor de Lótus, pedra, entre pedras, sobre pedras.

(Mais de um chorou, mudo).

Sereno e candente, “vertical e esconso”, o apelo à vida do professor Célio Vale tocou o vórtice; Guimarães Rosa, ele mesmo, se levantaria.

Nem Itacambira, dependurada nas penhas que a febre de Paes Leme viu resplandecer em esmeraldas, nem sua surda, ignorada importância, produziria emoção tamanha.

Pois a Igreja de Santo Antônio, erguida pelo desbravador e agora sob atavios de 3 séculos, ou mais, de história e múmias, a que deu pia de batismo a Diadorim, homem e mulher, no resumo jagunço-fêmea, a igreja queixa-se de que está apertada por ímpias novas edificações, herege mesmo, que avançam sobre si, imprudentes.

Para ficar de pé, no zênite rigoroso, foi puxada a cabo de aço, pois o nadir a corteja e chama, fora de destino.

Pede ajuda a igreja do bandeirante.

O “violador de sertão, plantador de cidades”, ele mesmo, e

ninguém menos, a levantou – argumenta.

Mas não a salva da hora humilhante, onde flutuante-só, jaz no abandono de que sua qualidade reclama.

Se ainda for pouco o que acaba de dizer, abrirá o tampo de madeira de sua pia de batismo e apresentará, além das sagradas águas, o batistério de Maria Deadorina da Fé Bettancourt Marins, de quem muito se haverá de ouvir, séculos adiante. Batizada ali. Diadorim. Dindorim.

Esta igreja não pode cair.

A lira-euterpe há de tocar.

O pai que toca clarineta na serra, sem que o filho não lhe perca um movimento, tem de prosseguir. Para que o filho – todo filho, o veja nos olhos -, emoção que pede rebuço de quem sente e destreza de quem possa ver

Paremos; a viagem seguirá outro dia.

....

O sertão aqui revisitado, residência na terra dos jagunços de Guimarães Rosa, tem muralha chamada de Serra Geral, Serra do Espinhaço, que parte o mundo em dois. Do lado de cá, o território das boiadas, poeirento, largo, planuras irreverentes, umas seguindo as outras, para no meio delas passar o rio São Francisco.

Do outro lado, além da serraria azul, diversa dos montes claros, os Andes lá deles, com seus rios pretos. Uma civilização próxima, mas distante.

São montanhese autênticos, herdeiros dos catadores de pedras, faiscadores - de fraseado composto e limpeza, chão varrido até dar no sangue; finas gentilezas e fidalguias.

Retalhos finais, quem sabe talvez, de corte de fidalgos e criadagem que veio buscar diamante e ouro, entre rapapés e bons gestos. Sucessores e herdeiros de solenidades e lhanezas, com ritmo de falar por frase disposta, articulada, servida de respeito e comedimento. Arenga que ouvida pelos vaqueiros de cá, são demasia de frase, resumo que cabe numa só palavra – chamando solitório.

Uma terra, a mesma terra irmã, mas dividida e separada por penhas e serros, penedos. Contraforte modesto na altura, mas de autoridade, pois divide e dirige rios, e os reparte para servir a quem quer. Do lado de cá, um vale inteiro para o S. Francisco; do lado de lá, outro, completo, retorcido, para o Jequitinhonha, e no meio a serraria muda para arbitrar e julgar. (E homens, jagunços, dispostos na essência iguais, mas diferentes).

Barrentos, cor de terra, os rios de cá; decididamente pretos, também nos nomes, os de lá, visíveis, mostrando fundo e peixe.

A cordilheira (anã, perto das outras, renomadas) divide também municípios, conforme as terras se debruçam para um lado e outro, por critério das "águas vertentes", capítulo das questões lindas. Francisco Sá e Bocaiúva, dois dos mais próximos, têm terras subordinadas aos dois lados, como aos dois lados encaminha seus rios-riachos.

Que eu saiba, dois rios pretos de lá têm consentimento de virem do lado de cá, despejar. O Curimatahy, nome de índio, e o rio Pardo, que desce de S. João da Chapada e avança em trechos de 120 metros de largura, no alto navegando em arcias brancas de presépio para engrossar o rio das Velhas, na altura de Augusto de Lima.

É o belo rio oculto que o Norte de Minas não conhece, desconhece; sua maior beleza natural corrente, de todos o mais bonito, pois se conserva em finura de silêncio, preservado. Os demais rios pretos, gerados na serra e nas pedras serrando sua cor de ferro, sem permissão de virem, vão para o outro lado, em procissão ao revirado Jequitinhonha para de sua ossada deixar extrair pedra de diamante.

Mesmo cidades que por fora denunciam pertencer ao Norte de Minas, examinadas na altura do coração, demonstram que por um fio oculto (que as noruegas salta) são atrelados aos valores de lá, das serranias.

Buenópolis, dissimulada, culta, finge que mora na estrada que leva e traz ao Norte de Minas, mas sua alma gentil pertence a Diamantina, desde sempre. Zelosa com o que é seu, deixa-se dormir no seio de riquezas naturais que estão entre as 10 mais importantes belezas de Minas, catalogadas por quem sabe. Sabedoria. Astúcias. Cidades, como gentes, escondem-se.

Buenópolis pouco mostra seus 20 quilômetros de água quente, termal, e o quilombo invertido, onde multiplicam-se brancos de olhos azuis, gente portuguesa que veio de Diamantina há 300 anos, quem sabe com pedra de valor na boca. Os regos servem águas nas portas e um – o da rua principal – precisa voltar logo, para que a vila dispare no turismo mineiro. As Caldas Novas de Minas.

Toda a vasta região, unida e separada pelo Espinhaço, nossos Pirineus-Urais, território dos jagunços de Guimarães Rosa, vive agora um estrondo silencioso, sem estrugir.

A barragem de Irapé, fincada numa garganta onde só se podia "ir a pé" na exploração, esta barragem, a segunda maior do Brasil em altura, já acumula altura de 180 metros de água vertical, dos 208 possíveis no limite. O mar vem depois e altera o comum do sertão, sem conserto.

Quase em segredo, sem prévia consulta, os rios começam a correr para trás.

O Ventania mesmo – belo nome que não escapou a Guimarães Rosa -, raridade em biodiversidades, já não corre para o Itacambiruçu, que o espera, ele também dando para trás. Refluem os dois, como se a terra tivesse endoidado, de volta empurrados pelo Jequitinhonha encurralado em lago.

Que impacto terá nas vidas, silvestre e humana, o rio que fiel à sua origem deixa de correr para o mar, e volta sobre si em despropósito?

Riobaldo Tatarana, Dindorim, Joça Ramiro mesmo – até os Hermógenes – talvez respondessem com tiros, bala dundum. "Quem nasce no sertão nunca sabe direito o que é o mar". E o mar "é-vem", vem.

O lago de pernas de polvo e quase-nenhum tronco pede urgente vistoria de repórter cuidadoso, olhos capazes de medir e relatar o que acontece quando, no sertão profundo, o chão deixa de ser guarda dos ermos e naufraga nas águas, agora elas as sentinelas, atalaias dos seus domínios plenos.

Em Grão Mogol, ouvi de um coordenador de IEF:

- Você já ouviu e viu um homem chorar? Um homem mesmo. Homem. De mãos duras, cara encardida, cheio de filhos, senhor de mulher doente e sincera, que não teme a morte, pois deixou de temer a vida. Já viu?

Ele mesmo responde:

- Eu Vi. Lá em Bocaiúva, eu vejo.

Chora como menino porque foi desterrado de Irapé. Chorou, e chora.

Ganhou terra, ganhou ajuda, assistência e conselho, mas não pára de chorar. Nada deste mundo, nem do outro, vai lhe consolar de ter saído, tirado do lugar onde nasceu. Não há consolo, nem prêmio. O homem chora, chora e chora. E os filhos, por verem o pai chorar, também choram continuados. É o desterro.

Você sabe o que é desterro, sentido de degredo, decreto de virar judeu errante?

(Nas fotos, o Ventania correndo para trás, engolindo sua ponte de revés; a barragem e as 3 turbinas de Irapé, que já mandam energia para dias e noites de M. Claros; e o artesanato de barro e bolinhas de gude à espera dos meninos no mercado de Salinas)

(Fotos da euterpe de Chapada do Norte e do seu gaiteiro, da igreja de Itacambira e do altar, da pia onde foi batizado Diadorim, personagem central do livro Grande Sertão Veredas)



Parque Estadual Grão Mogol



Araçuaí



Estação



Rio Ventania



Casa Rural



Neto de Manuelzão/Cordisburgo